

MEB: ação socioeducativa X ação sociopolítica dos movimentos sociais na região de Picos de 1985 a 1995

Maria Oneide Fialho Rocha¹

RESUMO: O presente artigo discute a articulação da ação socioeducativa do Movimento de Educação de Base – MEB com a ação sociopolítica dos movimentos sociais na região de Picos, no período de 1985–1995. Fundamenta-se na práxis da educação popular impulsionada pela mística da Teologia da Libertação. Ressalta-se o acentuado processo de organização popular na região de Picos a partir da década de 1980. Apresenta como conclusão que o MEB de Picos foi capaz de realizar uma ação socioeducativa que despertou e orientou a ação sociopolítica dos movimentos sociais numa perspectiva de transformação social.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Educação Popular. Ação sociopolítica. Ação socioeducativa.

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo compreender o campo político-educativo produzido pela pedagogia do Movimento de Educação de Base – MEB, no período de 1985 a 1995, junto aos movimentos sociais na região de Picos – PI. Esse trabalho se fundamenta numa práxis teórico-prática e histórico-política-dialética da educação popular num processo constante de teoria-prática-teoria, ação-reflexão-ação tendo em vista a produção de conhecimento transformador da sociedade.

Nessa perspectiva, a ação socioeducativa do MEB de Picos – PI se fundamentou teoricamente nas concepções de educação do educador Paulo Freire. Concepções essas orientadas por ideias-forças que refletem sobre o homem e o seu meio de vida concreto. Essas ideias-forças que norteiam todo o processo educativo da alfabetização de adultos partem do princípio de que:

1. Para ser válida, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto [...] a quem queremos ajudar a educar-se [...] 2. O homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto [...] (FREIRE, 1980, p. 33).

Nessas considerações teóricas, vale ressaltar ainda que todo o trabalho de educação popular realizado pelo MEB de Picos se inspirou na mística da Teologia da Libertação em sintonia com o Concílio Vaticano II, em que se pautaram as orientações pastorais da Diocese de Picos.

Sobre a Teologia da Libertação, o teólogo da libertação latino-americano Gustavo Gutiérrez (1981, p. 136) afirma que:

A teologia da libertação é uma tentativa de compreensão da fé a partir da práxis histórica, libertadora e subversiva dos pobres deste mundo [...]; ela nasce da inquietante esperança de libertação, das lutas, dos fracassos e das conquistas dos próprios oprimidos. [...]

A vivência da Teologia da Libertação na América Latina foi impulsionada pela abertura da Igreja Católica, que encorajou novas posturas na sua ação evangelizadora. Esse fato teve como influência decisiva a atuação do papa João XXIII que no seu curto pontificado (1958–1963) convocou o Concílio Vaticano II, considerado como um novo pentecostes para a Igreja e para o mundo.

Nesse contexto, a ação socioeducativa do MEB, articulada com a ação sociopolítica dos movimentos sociais, aconteceu numa conjuntura adversa. A dinâmica da economia capitalista leva simultaneamente à criação de maior riqueza para uma minoria e de maior pobreza para a maioria. Neste sentido, o Documento de Puebla (1979, p. 69) denunciava que:

1. Professora Mestra em Serviço Social; Picos – Piauí; E-mail: oneidefrocha@hotmail.com.

O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. [...] Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção.

Essa situação latino-americana de empobrecimento, consequência da lógica capitalista, acontecia também no Brasil com sua longa história de dominação e exclusão social. A população do município de Picos, bem como a dos municípios adjacentes, localizados na região centro-sul do estado do Piauí, marcadas pelo cenário nacional, também viviam numa situação de exclusão social. Essa exclusão se caracterizava pela dominação de uma “política de cabresto”, fisiológica e clientelista, onde o poder estava concentrado nas mãos de poucos, deixando o povo alijado do processo participativo.

Embora numa conjuntura de grande repressão e empobrecimento da população, aconteceram avanços no processo democrático que favoreceram as lutas populares por conquista de direitos na construção da cidadania no Brasil. Essa conjuntura contou com a presença dos movimentos sociais em conflito e confronto com as forças capitalistas neoliberais da sociedade em que estavam inseridos, no Piauí; e, no nosso caso, em Picos, isso não foi diferente.

2 O MEB em Picos — ação socioeducativa

O Movimento de Educação de Base – MEB, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, criado a 21 de março de 1961, tratava-se de um programa novo, orientado para as mudanças sociais e a formação integral da pessoa humana. No documento intitulado “MEB: sua origem, sua ação e seu conteúdo” (1964), ao qual Wanderley (1984) se refere no seu livro “Educar para Transformar”, encontramos:

O MEB, enquanto se dirige a uma determinada população, pretende promover o homem em função de sua dignidade de filho de Deus, membro da Igreja e não pode aprovar, por isso mesmo, a presente estru-

tura social, que abrange todo o contexto do Brasil (WANDERLEY, 1984, p. 78).

Os primeiros documentos do MEB, elaborados no início de 1961, indicavam como seu objetivo “ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País através de programas radiofônicos especiais com recepção organizada” (FÁVERO, 2006, p. 56).

Ressaltamos que o Movimento de Educação Base no Piauí foi fundado oficialmente em Teresina, no ano de 1962, tendo como marco inaugural a montagem da Rádio Pioneira de Teresina, voltada especificamente para a educação.

Na perspectiva de desenvolver uma ação socioeducativa na região de Picos, a convite do seu primeiro bispo, D. Augusto Alves da Rocha, foi instalado em Picos, no dia 1º de abril de 1982, o Movimento de Educação de Base. Segundo Sousa (1999, p. 32), baseado no depoimento do bispo da Diocese de Picos, a instalação de um departamento do MEB “se deu por ser, primeiramente, uma Diocese extremamente carente, depois por possuir uma filosofia e visão eclesial de valorização do leigo no conjunto da Diocese”. Ao fazer referência à ação pastoral implementada por Dom Augusto Alves da Rocha, primeiro bispo da Diocese de Picos, Costa coloca:

Um pastor que, desde os primeiros instantes de seu ministério, conduziu a Igreja para que fosse comunitária e participativa [...], solidária com os pobres. As CEBs foram a prioridade permanente da Diocese de Picos [...]. Por isso sempre investiu e acreditou na força evangelizadora dos empobrecidos e no potencial do povo organizado (COSTA, 1990, p. 13).

A primeira equipe de educadores/as populares do MEB de Picos era composta por seis pessoas, entre professoras e operários das Indústrias Coelho, a saber: Maria Oneide Fialho Rocha (coordenadora), Iracema Antônia de Sousa Lima, Maria Verônica Meneses Monteiro, Espedita de Sousa Araújo, Pedro Antônio de Moura, Rufino Manoel de Almondes, e outras se sucederam.

A área de atuação priorizada para os primeiros passos do trabalho do MEB, na região de Picos, foi o município de Bocaina – PI, atingindo seis comunidades. A razão dessa escolha deu-se pela necessidade de um trabalho de urgência, junto às comunidades que

estavam sendo atingidas pela construção da Barragem de Bocaina, iniciada em julho de 1981, localizada a 30 km de Picos.

A equipe, nesse primeiro momento da ação socioeducativa junto aos atingidos pela barragem da Bocaina, estabeleceu objetivos, traçou estratégias e obteve resultados. Nesse processo, como resultado da sua ação socioeducativa, “o povo começou a se reunir para discutir os seus problemas, encaminhar as suas lutas, fazer abaixo-assinado para reivindicar os seus direitos, entrar com uma ação judicial de reivindicação por indenização justa, resistência às ameaças, celebração das lutas”, conforme registrado no jornal MEB HOJE – REGIONAL (1983).

O MEB foi ampliando a sua ação para outros municípios da Diocese de Picos, numa dinâmica de assessoria e acompanhamento dos movimentos sociais. É importante aqui explicitar algumas atividades realizadas pela equipe junto aos movimentos sociais para percebermos por onde caminhava a prática político-pedagógica da equipe do MEB de Picos. O relatório quinquenal (MEB 1990–1994), apresentado no quadro 1, registra, dentre outras, as seguintes atividades:

Quadro 1: Atividades e linhas de atuação do MEB

Linhas de Atuação	Atividades
Movimento Popular	Encontros e cursos de formação política para lideranças; Acompanhamento ao processo organizativo das associações de moradores; Assessoria e apoio nas lutas reivindicativas e propositivas.
Sindicalismo	Formação sistemática com efeito multiplicador com temáticas da área e afins para as lideranças sindicais; Acompanhamento ao processo organizativo: cooperativas, sindicatos, eleições sindicais (missão sindical); Assessoria e acompanhamento às lutas; Elaboração de subsídios; Participação como parceiros na Escola de Formação Sindical Paulo de Tarso-Teresina-PI.
Alfabetização de Adultos	Acompanhamento aos grupos de alfabetização de jovens e adultos: curso de capacitação mensal, encontros municipais, visitas aos grupos de alfabetização, elaboração de subsídios; Realização do I Seminário Regional de Alfabetização – I SAL em parceria com a UFPI – Campus de Picos.

Fonte: elaborado pela autora.

Nessas atividades realizadas, percebe-se que a formação está presente em todas as prioridades. O processo de formação do MEB de Picos se dava junto aos movimentos sociais tanto em nível regional (CEPI – Ceará e Piauí), como em nível de municípios.

Nesse processo de educação popular, numa ação conjunta de metodologia participativa com as organizações populares trabalhadas, o MEB de Picos procurava pautar-se pelo método ver-julgar-agir, numa práxis de ação-reflexão-ação. Essa metodologia condiz com a concepção de Brandão sobre a práxis sociopolítica educativa da educação popular, que “acontece numa dinâmica na qual o povo como sujeito transforma a educação numa vivência de educação popular” (BRANDÃO, 1982, p. 71-73).

Para confirmar essa metodologia da ação socioeducativa do MEB em Picos, trago presente depoimentos de pessoas de fora e também de pessoas que atuaram no MEB como educadores populares, como dirigentes dos movimentos sociais, como participantes das comunidades eclesiais de base – CEBs e das organizações populares.

O entrevistado 06 apresenta uma visão da metodologia da atuação do MEB na Diocese de Picos no seu primeiro momento.

[...] A nossa estratégia era [...] ir direto onde o povo estava, a visita de casa em casa [...]. E a gente ia de casa em casa passava um dia, dois dias por lá. Dormia na casa do povo, comia o que eles ofereciam [...]. O norte do MEB era a organização de base, ajudar as pessoas a tomarem consciência da importância de se organizar, despertar a consciência crítica [...] (ENTREVISTADO 06).

Os cientistas sociais e teólogos Valle e Boff (1993, p. 50) observaram que:

O MEB de Picos tem uma importância vital. [...] ele não visa uma alfabetização de massa (função que pertence a outros), mas uma educação que favoreça associações de bairros ou de trabalhadores [...]. Assim, o MEB de Picos tornou-se um local privilegiado para o encontro entre as CEBs e o povo da região, pois nele a proposta de libertação vai ao encontro de uma forte motivação popular.

Segundo o Relatório MEB (1993, p. 13), no ano de 1993, houve uma ampliação das turmas de alfabetização — passou de vinte para vinte oito turmas, ampliando assim, o número de alunos de 375 para 560, contando com a participação de 28 monitores, atingindo cinco municípios: Picos, Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Padre Marcos e Jaicós.

Vale aqui destacar os municípios da região de Picos atingidos diretamente pela ação educativa do MEB no período delimitado por essa pesquisa. Os relatórios do MEB no período de 1985–1995 apontam os seguintes municípios: Bocaina, Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Picos, Padre Marcos, Jaicós, Paulistana, Simões, Dom Expedito Lopes, e Itainópolis. Outros municípios da região foram atingidos em momentos pontuais por ocasião dos cursos, seminários, dentre outros.

A entrevistada 03 faz referências ao processo socioeducativo do MEB abordando as suas diversas fases:

[...] houve um momento, no início, que o MEB fez de tudo, desde o convite para a reunião no bairro, passando pela visita às famílias, a coordenação da reunião, o registro e conseqüentemente a devolução para o grupo. [...]

Com a evolução do processo de organização notasse que já havia uma percepção do papel do MEB como assessoria:

E eu queria aqui colocar que uma coisa que muito nos ajudou foi o MEB, o Movimento de Educação de Base, porque ele investiu na nossa formação [...]. O que era que a gente fazia, encontro de todas as associações de moradores com a assessoria dele. Era nós que conduzíamos, eles eram os assessores [...] (ENTREVISTADA 12).

Esses depoimentos demonstram que tanto o MEB como alguns militantes das organizações já começavam a ter clareza do seu papel no movimento onde atuavam. Isso se deu de maneira gradativa no contexto da prática pedagógica e social, contando com a presença de assessores do MEB Nacional e cursos de capacitação promovidos pelo MEB Nacional.

Para atender então as demandas teórico-práticas do processo educativo, exigia-se dos assessores do MEB uma capacitação especializada. Assim, o MEB

investiu no processo de formação tanto da sua equipe quanto dos participantes dos movimentos sociais.

a gente estudava a Constituição, a questão do transporte coletivo, a gente estudava a lei orgânica municipal, o que falava a respeito do transporte. Então, nós íamos fazer nossas propostas baseados na lei e isso era assessoria da FAMCC e do MEB (ENTREVISTADO 11).

Nesse processo formativo, o MEB realizou, em parceria com a Universidade Federal do Piauí (UFPI), no *campus* do Junco, Picos – PI, o Primeiro Seminário de Alfabetização de Adultos em Picos – I SAL, no período de 24 a 26 de abril de 1993.

Ao mesmo tempo em que acontecia o processo de formação junto aos movimentos urbanos, esse processo também estava acontecendo junto às lideranças sindicais e aos alfabetizadores da zona rural. Quanto à formação sindical, o entrevistado 06 fala sobre os tipos de cursos: “de cooperativismo, associativismo, sindicalismo e formação política.”

Quanto ao processo de alfabetização de jovens e adultos, acontecia como instrumento de fortalecimento das organizações populares: “Veio depois o MEB que ajudou dando aqueles cursinhos... Que ajudou a conscientizar sempre as pessoas, a consciência das pessoas” (ENTREVISTADO 04).

O entrevistado 04 fala ainda sobre o processo de alfabetização:

Eu me lembro muito bem de uma coisa, eu nunca sair da memória quando dizia duas frases: ninguém sabe de tudo, ninguém aprende..., quer dizer a frase assim: ninguém sabe mais do que ninguém, todo mundo está aprendendo e ensinando. Esta frase eu me lembro muito, porque eu sinto que é isso mesmo a realidade da nossa vida hoje.

Para esse processo formativo, o MEB, além dos momentos presenciais, lançava mão também do Programa de Rádio que foi o instrumento educativo utilizado nas suas origens. O programa Igreja Peregrina era uma fonte de comunicação, de formação e de articulação dos movimentos sociais na região.

O Programa de rádio, na Rádio Difusora, no Programa Igreja Peregrina. [...] Aí era sagrado, todo mundo ia pra o pé do rádio. Porque dava notícias, falava da realidade do povo, falava no nome das comunidades.

O nome do programa do MEB era Momento Novo, o fundo musical era: “eu acredito que mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor” (ENTREVISTADO 08).

No processo socioeducativo, o MEB trabalhava com parcerias:

O MEB trabalhava ainda com as parcerias, articulações e intercâmbio com a FAMCC, Movimento Popular de Saúde – MOPS, sindicatos [...], comunidades eclesiais de base [...] nessa busca de conscientização da cidadania [...] com a finalidade de organizar o povo ajudando-o na conscientização e busca da cidadania [...] (ENTREVISTADO 13).

A partir dessa prática pedagógica junto com os movimentos sociais em Picos, os sujeitos explicitaram nos depoimentos os elementos reveladores da ação socioeducativa do MEB que se relacionam com a ação sociopolítica dos movimentos sociais em Picos. Nesse sentido, explícito ainda o depoimento do entrevistado 09.

O resultado da ação do MEB proporcionou uma tomada de consciência da população, possibilitando o surgimento de diversas entidades representativas da sociedade [...]. A alfabetização de adultos, envolvendo toda a comunidade no processo, fez com que houvesse um resgate da autoestima popular repercutindo numa reação mais enérgica da população frente às injustiças e à desigualdade social. [...] Essa tomada de consciência [...] criou novas formas de relação com o poder público, mais participativas, mais democráticas. [...] A qualificação da intervenção popular propiciou um movimento de reivindicação de direitos com maior consistência e conhecimento da realidade, capaz de reivindicar, mas também de sugerir ações, ajudar a planejar, buscar soluções coletivas para os problemas, muito embora o poder público dos anos 80 e 90 no Estado do Piauí e nos municípios da região de Picos fosse completamente avesso à ação dos movimentos sociais.

Nesse depoimento do entrevistado 09, destacam-se elementos que evidenciam a relação da ação socioeducativa do MEB e da ação sociopolítica dos movimentos. No olhar de hoje, o informante ressalta que “as consequências dessa ação provocou um salto qualitativo na situação conjuntural da região de Picos, comparando-se à realidade da década de 1980”.

Toda essa ação educativa contribuiu para que acontecessem transformações na comunidade e na sociedade, no que diz respeito ao processo de organização dos movimentos populares na região de Picos, superação do medo e da dependência. Suscitou melhoria de vida da classe trabalhadora rural com a conquista da terra para viver e trabalhar; conquistas de direitos para as mulheres urbanas e rurais; suscitou o engajamento de lideranças no projeto político-partidário citando, como exemplo, o Partido dos Trabalhadores, inclusive assumindo candidaturas.

Essa transformação coletiva se reflete na transformação pessoal e, nesse sentido, o entrevistado 01 destaca o processo formativo: “a formação que encontrei aqui em Picos nas Comunidades Eclesiais de Base, na Diocese de Picos, nas Associações acompanhado pelo MEB foi a Universidade que eu frequentei”.

Constata-se, então, que, a partir da ação socioeducativa do MEB, num trabalho conjunto com os agentes de pastoral da Diocese de Picos, outras entidades e instituições, numa dimensão libertadora, embasado por teorias histórico-críticas, sob a inspiração da Teologia da Libertação, os movimentos sociais emergiram e se fortaleceram na região de Picos.

3 Movimentos sociais em Picos, ação sócio-política: “o povo em movimento”

Para Zibechi (2005, p. 1998), a base ética e cultural dos movimentos sociais da América Latina é composta por três grandes correntes político-sociais autóctones: as Comunidades Eclesiais de Base vinculadas à Teologia da Libertação, a insurreição indígena e o guevarismo inspirador da militância revolucionária. No Brasil, a grande maioria dos movimentos sociais são originários da corrente das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Picos, segundo o depoimento: “Noventa por cento de pessoas vieram das CEBs. Elas estão em sindicatos, em associação, mas a base nasceu nas CEBs” (ENTREVISTADO 14).

Nesse sentido, para entendermos a presença dos movimentos sociais em Picos, recorre-se ao cientista político piauiense Medeiros (1996), quando coloca que desde meados da década de 1970, sobretudo por meio da Igreja Católica, mas também pela ação de grupos de esquerda, formais ou informais, todo um “trabalho de base” começou a ser feito no Piauí, principalmente no Parque Piauí, com a presença dos padres italia-

nos. O autoritarismo do regime criava o clima propício para que setores populares e médios se colocassem em confronto com o Estado.

Merece destaque também a organização da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que amplia o novo movimento para diversas cidades do interior. Como o movimento se articulava com o que acontecia em nível nacional, cresce o número de padres, religiosas e agentes leigos de pastoral, em diversas dioceses, em especial na de Picos, que também se engajam neste esforço de educação e organização popular (MEDEIROS, 1996).

Nesse sentido, trazemos presente o depoimento de dois entrevistados das zonas urbana e rural que falam da ampliação desse processo organizativo na região de Picos, como também das mediações que contribuíram para que esse processo acontecesse.

[...] nós começamos também a fazer esta discussão dentro das CEBs e com o MEB para criar uma associação de moradores na comunidade, pra melhorar nossa intervenção da comunidade junto às instituições de governos [...], a Prefeitura. A comunidade devia se organizar para participar desses espaços, para fazer as suas reivindicações (ENTREVISTADO 08).

O segundo entrevistado fala do processo organizativo envolvendo a articulação entre as entidades:

Daí, então, foi se articulando o Movimento de Educação de Base com as demais entidades que surgiram a Cáritas Brasileira, a Escola de Formação Paulo de Tarso [...]. Nós decidimos criar o Sindicato de Trabalhadores Rurais. [...] O MEB teve a sua participação total no acompanhamento, formação e orientação, [...] decidimos criar também uma Associação de Trabalhadores Rurais de Lagoa do Cajueiro. [...] Esta formação quem fazia era o MEB, a CPT, as CEBs (ENTREVISTADO 05).

Nos dois depoimentos, percebe-se que a organização se dava dentro de um processo de articulação, de formação e conscientização. No processo formativo, é apontada a presença do MEB, da CPT, das CEBs e da Escola de Formação Sindical Paulo de Tarso, em Teresina, PI – escola de formação de lideranças sindicais de quem o MEB foi parceiro.

Então, nesse cenário mediado pela ação pastoral da igreja particular de Picos e a ação educativa do

MEB, dentre outros, foram surgindo gradativamente, em Picos, várias organizações populares, das quais destacamos: Associação de Trabalhadores Rurais (ATR); Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR); Sindicato dos Arrumadores; Sindicato dos Operários das Indústrias Coelho – S.A.; Grupo de Mulheres (posteriormente se articularam como UMP – União das Mulheres Piauiense, núcleo de Picos), Associações de Moradores, congregadas na Federação de Associações de Moradores e Conselhos Comunitários (FAMCC); Movimento Popular de Saúde – MOPs; Movimento Sem-Terra (MST); Cooperativa Mista Agropecuária de Pequenos Produtores da Região de Picos (COOMAPI); Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores de Itainópolis (COMPAl); Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) (MEB, 1990–1995).

O quadro 2 apresenta uma visão geral dos movimentos sociais da região de Picos com os quais o MEB atuou diretamente.

Quadro 2: Movimentos sociais da região de Picos – décadas de 1980 e 1990

Movimento Social	Data da Fundação	Município
Bairro São José – Ass. de Moradores	06-10-1985	Picos
Bairro Canto da Várzea – Ass. Moradores	27-11-1985	Picos
Comunidade Junco dos Monteiros – Ass. Moradores	11-10-1987	Picos
Bairro Pedrinhas – Associação de Moradores	27-03-1988	Picos
Bairro Junco – Associação de Moradores	03-11-1989	Picos
Organização Mulheres: Grupos	1983	Picos

União das Mulheres Piauienses – UMP	1998	Picos
Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR	20-12-1987	Bocaina
Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR	27-04-1971	Itainópolis
Associação dos Trabalhadores Rurais – ATR	05-08-1987	Itainópolis
Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR	15-11-1981	Francisco Santos

Fonte: Depoimentos dos sujeitos da pesquisa; Atas: Pedrinhas, Junco, Canto da Várzea, Junco dos Monteiros, Bocaina.

A ação socioeducativa do MEB em Picos acontecia junto aos trabalhadores e trabalhadoras da zona rural e da zona urbana:

O movimento de mulheres, aqui na cidade de Picos, surgiu em 1983 reunindo-se no Junco, mulheres de vários bairros: Pedrinhas[...], Junco [...], COHAB, Boa Sorte, Ipueiras, Centro [...] do MEB. [...]. Em 1988, a partir da luta da Constituinte foi formado três grupos: Junco, Pedrinhas e COHAB. [...] em 1998, os grupos de mulheres, se articularam na UMP – Núcleo de Picos (ENTREVISTADO 02).

Nesse depoimento, percebe-se que o processo de luta das mulheres em Picos, cujos grupos já se articulavam, inclusive com coordenação geral, que culminou com a criação da UMP, se deu a partir de 1983.

Nessa realidade, acontecia a ação socioeducativa, junto às organizações populares, implementada pela Igreja Católica, pelos agentes de pastoral, pelo MEB e por outras organizações:

[...] com o surgimento da teologia da libertação, que foi implementada na Diocese por Dom Augusto, que trouxe então, a equipe do MEB. [...] Na minha visão, o MEB foi para a Igreja uma estratégia de contribuir para essas organização. [...] A partir das CEBs e do Grupo de Alfabetização iam surgindo outras organizações, citando

como exemplo: o Sindicato de Bocaina e a COOMAPI, Cooperativa Mista Agropecuária de Pequenos Produtores da Região de Picos [...] (ENTREVISTADO 03).

Os depoimentos demonstram que o povo passa a se organizar a partir das necessidades mais prementes e próximas. Demonstra, também, que toda luta sociopolítica é um processo de construção realizado pelos sujeitos sociais no “entre-os-homens” e no “intraespaço onde acontecem as relações”, segundo Arendt (2004). A entrevistada 03 fala desse processo pelo qual passaram as associações de moradores, que também aconteceu com os demais movimentos populares da região de Picos:

No meu entendimento, a história das associações nesse período 1985/1995, apresenta três grandes momentos: o momento de mobilização inicial para a sua constituição; o momento de reconhecimento da necessidade de articulação das lutas que deu origem à FAMCC e o momento de consolidação de lutas e conquistas. E, na minha leitura, o MEB esteve presente em todos eles intermediando um processo formativo permanente (ENTREVISTADO 03).

É importante ressaltar o que se refere ainda às ações sociopolíticas mais amplas, que, na região de Picos, destacaram principalmente a luta por terra e moradia: “a questão da luta pela terra foi também todo esse período desde 1983”. Porque “o município não é um município de grandes latifúndios, mas é um município que tem muita gente sem terra” (ENTREVISTADO 08).

A região de Picos também contou com a atuação do Movimento Sem-Terra. Nesse sentido, o entrevistado faz uma referência:

O próprio MST não é à toa que ele começou no Piauí por Picos. A sede do Movimento Sem-Terra estadual por muito tempo foi em Picos. Foi dessa região de Picos que surgiram os primeiros ocupantes de terra. Foram ocupar duas fazendas em São João do Piauí fazenda Marrecas e fazenda Lisboa. Mas as famílias eram frutos dessas comunidades que nós contribuimos diretamente (ENTREVISTADO 07).

Em 10 de junho de 1989, segundo registros, os trabalhadores rurais da região de Picos ligados ao MST realizaram a primeira ocupação de terra do Piauí. Esses trabalhadores pertenciam às Comunidades Eclesiais

de Base – CEBs. No acampamento dos sem-terra, na fazenda Marrecas, no município de São João do Piauí, o MEB de Picos realizou uma ação educativa principalmente com a alfabetização de jovens e adultos.

O MEB se propôs organizar, assessorar e acompanhar grupos de alfabetização de adultos fundamentados na experiência e práticas de Paulo Freire onde, a codificação das letras andam juntas com a conscientização da cidadania. Esta alfabetização se estendeu pela microrregião de Picos, inclusive nos assentamentos de trabalhadores rurais sem-terra (ENTREVISTADO 13).

Isso demonstra que o processo sociopolítico das lutas dos trabalhadores rurais na região pela conquista da terra se ampliava e se fortalecia: “a gente vivia com medo e do lado dos patrões. Com os movimentos veio esta consciência, deixamos os patrões e fundamos o sindicato. Nas lutas do sindicato, nas reuniões, nas caminhadas nós cantávamos as músicas [...] ‘o hino do trabalhador’”:

Classe roceira, a classe operária ansiosa espera a reforma agrária sabendo que ela dará a solução para a situação que está precária. Saindo o projeto do chão brasileiro pra cada roceiro plantar sua área, sei que na miséria ninguém viveria, pois a produção já aumentaria quinhentos por cento até na pecuária (ENTREVISTADO 01).

Esse canto demonstra que a luta pela terra na região de Picos já despontava para a necessidade da reforma agrária, para enfrentamento das causas estruturais da concentração fundiária no Brasil. Nesse contexto de luta pela terra, “surgiu pelas Dioceses do Piauí, as Romaria da Terra que falava do massacre dos trabalhadores. Fomos em todas as Romarias” (ENTREVISTADO 01). Havia também na Diocese de Picos uma articulação com as organizações nacionais, além dos sem-terra, também por meio da Comissão Pastoral da Terra – CPT: “D. Augusto, bispo de Picos, foi Presidente Nacional da Comissão Pastoral da Terra – CPT” (ENTREVISTADO 02).

Enquanto os trabalhadores na zona rural lutavam pela conquista da terra, na zona urbana, principalmente na cidade de Picos, acontecia a luta pela moradia. Essa luta também se articulava com as lutas nacionais pelo direito de morar e pela construção da cidadania:

[...] na década de 90, em Picos de acordo com o Projeto de Habitação preparado pela FAMCC para ser apresentado na Câmara Municipal, a carência de habitação era de seis mil casas [...]. Nessa luta pela moradia, em 1994, discutia-se com as comunidades a questão habitacional a partir do Projeto de Habitação de Interesse Social, artigos da Constituição 182, 183. Fizemos o levantamento das áreas de risco em Picos. [...] Levantamos as seguintes áreas de risco: 1. São Vicente [...]. 2. Vila da Grota. 3. Morro da Mariana. 4. Vila do Papelão, na beira do rio (ENTREVISTADO 08).

No que diz respeito à luta pela moradia, em todos os depoimentos dos/as entrevistados da zona urbana de Picos, aparecem referências sobre a luta da Vila da Grota — uma das áreas de risco da cidade. A luta da Vila da Grota é considerada um evento histórico em Picos. “Era uma comunidade de 22 famílias que moravam no meio de um desvio que passava a grota de águas e esgotos por lá. Então havia uma luta dos proprietários dos terrenos vizinhos, contra estes moradores” (ENTREVISTADO 02).

Nessa luta da Vila da Grota, que se estendeu ao longo dos anos 80–90, as ações sociopolíticas realizadas nos seus diversos aspectos se caracterizam por ações amplas, ações diretas, como também se fazem presentes as estratégias e as conquistas:

A Prefeitura queria despejar os moradores [...]; teve a participação de várias entidades como a CPT, o MEB, a FAMCC [...], CUT [...], EPUP [...], Sindicatos [...] na animação dos moradores da Vila para resistirem às pressões da prefeitura [...]. No percurso da luta destacamos uma ocupação de três dias, no pátio da Prefeitura de Picos, inúmeras audiências com Secretários Municipais e com a Câmara de Vereadores, entre outros. Toda essa luta tinha ressonância num processo de formação. Na região, esse processo era desenvolvido pelo MEB e tinha como objetivo principal contribuir para a formação de uma consciência crítica cidadã (ENTREVISTADO 02).

A conquista das casas pelos moradores também é um aspecto muito presente na memória dos/das informantes. “A prefeitura construiu as 35 casas na Morada do Sol, colocou água e luz. No dia da inauguração houve um jantar, onde foram convidados os parceiros para participar” (ENTREVISTADO 02). “Eu estava

na inauguração das casas da Vila da Grota. Eu nunca esqueci, uma pessoa morando numa casinha na Vila da Grota e o esgoto passando por dentro da casa, eu nunca esqueci” (ENTREVISTADO 11).

A metodologia usada no processo de luta alimentava a mística fundamentada na Teologia da Libertação vivenciada nas CEBs, cujos membros se alimentavam na bíblia: “nós lia a bíblia, nós botava em prática, os trabalhadores discutia a bíblia dentro da realidade” (ENTREVISTADO 01). Fazendo referência ao uso da bíblia nas comunidades, Valle e Boff (1993) colocam que:

[...] a base da nova espiritualidade é a Sagrada Escritura. A “liberação” da Bíblia revelou um sagrado ainda mais Sagrado [...], pois ela é a própria Palavra de Deus. [...] A Bíblia muito mais do que autoridade eclesial ou a tradição é o que permite a passagem do catolicismo Popular Tradicional para o catolicismo das Comunidades (VALLE; BOFF, 1993, p. 59).

Nos depoimentos aparecem ainda referências aos cantos, que animavam a caminhada e fortaleciam a mística. A entrevistada 04 fala sobre os cantos: “Os cantos ajudavam a gente a lutar com mais garra, mais fé, mais esperança, a gente cantava nas reuniões”:

“Minha gente pise firme, cante alto e vamos lá, vamos lutar consciente que este mundo vai mudar.” Outro canto era: “Quem diz que nordestino é preguiçoso, é mentiroso não tá sabendo o que diz, nossa pobreza, nossa dor, nossa amargura depende das estruturas desgraçadas do País”. Isso ajudava, chamava a atenção das pessoas. O ponto que a gente queria era que o mundo mudasse. Sonhamos com um mundo de igualdade” (ENTREVISTADO 04).

Nas letras dos cantos, percebe-se que eles brotavam da realidade cotidiana do próprio povo, das lutas da caminhada, do sonho por uma sociedade de igualdade. Isso justifica a sintonia com as CEBs e com os movimentos sociais.

Os depoimentos demonstraram que o MEB foi capaz de realizar uma ação socioeducativa que se relacionou com a ação sociopolítica dos movimentos sociais, num referencial teórico-prático de cidadania, numa perspectiva de participação popular e de transformação social.

4 Conclusão

Esse estudo mostrou que a ação socioeducativa do Movimento de Educação de Base – MEB trabalhou inspirado na teologia da libertação, a partir das CEBs, das pastorais sociais, dentre elas a Comissão Pastoral da Terra – CPT, na Diocese de Picos, com vistas à organização popular e à luta pela conquista de direitos secularmente negados. Nessa ação socioeducativa, o MEB se fundamenta na educação popular libertadora de leitura crítica da realidade para transformá-la.

Nesse processo, não se pode deixar de citar ainda a atuação do Movimento Sem-Terra – MST, da Central Sindical – CUT e da Federação das Associações de Moradores – FAMCC, dentre outras entidades populares presentes na região. A reflexão teórica nos fez compreender que a ação sociopolítica acontece na relação entre-os-homens e num espaço histórico-geográfico datado e situado.

Nesse sentido, no contexto conjuntural da Diocese de Picos, encontrou-se, como mediação entre a ação socioeducativa e a ação sociopolítica, a reflexão sobre a realidade vigente. Essa reflexão ganha corpo na região a partir da mediação da ação pastoral da Diocese, coordenada e animada pelo seu primeiro bispo Dom Augusto Alves da Rocha (1975 a 2000), onde alguns padres, religiosas inseridas nas comunidades e leigos/as se uniram em torno de uma “educação que evangeliza e uma evangelização que educa”.

A partir dessa prática pedagógica junto aos movimentos sociais, os sujeitos da pesquisa explicitam elementos reveladores da ação socioeducativa do MEB que se relacionam com a ação sociopolítica dos movimentos sociais. Dentre outros, relatam a tomada de consciência, possibilitando o processo de emergência organizativa de vários movimentos e organizações populares representativos dos trabalhadores e trabalhadoras com conquistas históricas das suas reivindicações, principalmente de terra e de casa (Vila da Grota); ajudou a criar novas formas de relação com o poder público, mais participativo, mais democrático.

Concluimos que o MEB de Picos foi capaz de realizar uma ação socioeducativa que despertou e orientou a ação sociopolítica dos movimentos sociais, que emergiram como sujeitos da sua própria história, numa perspectiva cidadã de transformação social.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 a.

BRANDÃO, C.R. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense. 1982.

CATÃO, F. **O que é Teologia da Libertação**. São Paulo: Nova Cultura, 1986.

COSTA, M.D.R. *et al.* **Avaliação pastoral da Diocese de Picos**. Rio de Janeiro: ISER, 1990.

FÁVERO, O. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966)**. Campinas: Autores Associados, 2006.

FREIRE P. **Conscientização – teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUTIÉRREZ, G. **A força histórica dos Pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

IBASE. Instituto Brasileiro de Análises Socioeconômicas. **Diocese de Picos: o retrato de um Brasil pouco visto**. Rio de Janeiro: IBASE, 1984.

JESUS, A.T. **Educação e hegemonia- no pensamento de Antônio Gramsci**. São Paulo: Cortez, 1989.

MEDEIROS, A.J. **Movimentos sociais e participação política**. Teresina: Editora Gráfica, 1996.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. **JORNAL NACIONAL “MEB HOJE”**. CNBB, Ano III, nº 25, março de 1983.

_____. **JORNAL REGIONAL “MEB HOJE”**, 1983.

_____. **Relatório Quinquenal**. Departamento Picos – PI, 1990–1995.

_____. **Relatório Anual.** Brasília: Arte e Movimento, 1993.

PUEBLA. **A evangelização no Presente e no futuro da América Latina:** texto oficial da CNBB. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SOUSA, M.D. **Práticas de associações de moradores na década de 1990.** Teresina: EDUFPI, 2005.

WANDERLEY, L.E. **Educar para transformar:** educação popular, igreja católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984.

VALE, R; BOFF, C. **O caminhar de uma Igreja Nordestina:** avaliação pastoral da Diocese de Picos. São Paulo: Paulinas, 1993.

ZIBECHI, R. Os Movimentos Sociais latino-americanos: tendências e desafios. *In:* LEHER, R.; SETÚBAL, M. (Coords). **Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: diálogos para uma nova práxis.** São Paulo: Cortez, 2005, p. 198–207.

FONTES ORAIS

ENTREVISTAS – Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Instituto de Educação Superior (IERSA), Picos – PI, concedidas a Maria Oneide Fialho Rocha. Entrevistados: 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14 – Período: 06-06-2010 a 21-07-2010.